

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARÁ.
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

Juventudes, ditadura x democracia: A escola como símbolo e síntese deste dilema atemporal.

José Orlando Lima de morais

Debater o chão da escola brasileira hoje, desnudando todas as nuances que revelam os serviços e desserviços que esta importante instituição presta a sociedade como âncora para toda ou quase toda sorte de sucesso principalmente das crianças e jovens das camadas menos favorecidas, exige que também na condição de profissionais e cientistas usemos ultrapassar as doces palavras românticas que confortam muitas das vezes ou escondem o fosso que existe entre a imagem mascarada de um processo que eu não diria falido, mais descomprometido, desconectado e tantos casos um faz de conta impregnado pela estrutura orgânica das redes de ensino em todas as instâncias de poder.

No caso especial do ensino médio no estado do Pará, observa-se que Pouquíssimas aulas são garantidas, principalmente nos períodos noturnos que é onde se concentram o maior número de profissionais em busca de carga horária, para garantir a manutenção das 200 horas em outros espaços de trabalho, além dos longos e já certos períodos de greves que o nosso estado vive todos os anos. As causas não vamos aqui discutir o mérito. O certo é que a dívida sempre fica para o aluno que se for feito um trabalho criterioso e sério não tem em muitas escolas da rede dos 200 dias letivos nem 100 são garantidos e em muitos casos ainda com qualidade extremamente baixa.

E o que é mais triste e vergonhoso é que apesar de não serem garantidas todas as aulas não existem faltas. As escolas na sua grande maioria são indisciplinadas e cobram disciplina, tem regimento que são desrespeitadas em primeiro lugar pelos próprios profissionais e em especial por estes.

Para tantos outros casos, temos a falta de compromisso por parte dos estados no processo de lotação de profissionais em tempo hábil para que não haja prejuízo da aprendizagem dos alunos. Em nosso caso em especial há muitos investimentos que precisam ser feitos com urgência para garantir o direito que os alunos têm para o acesso e permanência com qualidade nas nossas escolas estaduais dentre eles, a constituição de um calendário de rede que comece no máximo o ano letivo no início de março, lotação de professores precedidos aos dias de início das aulas, garantir lotação de todos os professores, acabar com a interferência político partidária no interior das escolas, aumentar o monitoramento das atividades da escola para fiscalizar a garantia do cumprimento dos 200 dias letivos é lógico com o cuidado de olhar os arranjos necessários de tempos e espaços para favorecer a melhor forma possível de interação no processo ensino/ aprendizagem.

Este panorama que fiz questão de destacar serve para iluminar no início do trabalho que se iniciamos no ensino médio no Estado com a formação pelo SISMÉDIO diga se de passagem uma iniciativa de grande louvor apesar da estrutura em processo de construção se revelar em tantos momentos conturbados ainda, é um desafio que iremos construir junto.

Os pontos destacados tem importância fundamental para justificar a temática do texto aqui proposto que é as juventudes os seus diversos contextos de vivências e os desdobramentos na escola que é o espaço que naturalmente deveria melhor dirimir pedagogicamente as experiências dos jovens e constituí-las pano de fundo das diversas ações desenvolvidas na mesma em paralelo aos problemas que enfrentam com a falta dos direitos como debate crítico das suas próprias realidades.

Como subsidiar a juventude que é um nicho populacional extremamente significativo com impacto social em todas as áreas e implicações em quase todos os indicadores sejam eles, positivos no mundo do trabalho, emprego, consumo e geração de renda para o país e em outros casos os negativos como violência e falta de acesso a escola, abandono entre outros.

Também considerado um período de explosão em todos os sentidos, tanto orgânico quanto psíquico para a constituição e fortalecimento da identidade, o que significa

confrontar, resignificar conceitos e agora com novos contornos na sociedade do conhecimento mais do que nunca em virtude das novas ferramentas e matérias primas de trabalho em virtude das transformações que vem ocorrendo numa velocidade cada vez mais crescente, algo naturalmente compreendido e absorvido na juventude atual pela condição de nativos do movimento e não encontram eco num cenário desfavorável com a realidade da educação e dos espaços de convivência que não são garantidos.

Observa-se que a dinâmica das instituições sociais no caso em destaque a escola principalmente as públicas andam em descompasso com a velocidade das transformações que estão ocorrendo. Isto representa um agravante a mais para os já colossais problemas que a juventude vivencia em seu cotidiano, agregadas as demandas correntes, independente da posição tradicional que tomamos frente aos desafios postos, e por termos assumido uma posição de certa forma até imobilista frente às mudanças que precisamos fazer na forma de pensar e atuar como profissionais no caso específico da escola, mudanças radicais tendem a acontecer mesmo que a revelia do tempo que nós profissionais e gestores estamos projetando para adequar esta aos tempos vigentes.

Essa radicalidade passa pela reformulação de diversas frentes, dentre elas a concepção de educação na atualidade, o papel social da escola no mundo contemporâneo, exercício da democracia, compreensão dos jovens como sujeitos ativos pela carga de experiências que acumulam em suas relações no cotidiano, redesenhar o currículo para oxigenar e potencializar conteúdos mais significativos que possibilitem uma escola mais leve menos sufocado com tantos conteúdos defasados que não dialogam mais as necessidades dos alunos.

Somente uma reformulação radical nesta instituição que comece com estudos, exercício da democracia, políticas públicas e comprometimento ético poderá transformar este lugar num lugar de produção de textos e contextos e reinvenção e construção de novas histórias. Destaco neste contexto um documento denominado carta a minha filha, de um autor desconhecido que aponta elementos importantes

para ampliar a reflexão acerca da temática presente, em um dos trechos o pai e autor descreve a seguinte situação:

Toda criança nasce uma esponjinha de conhecimento ávida para absorver os comos e os porquês de tudo que vê. Essa curiosidade sem fim, essa fome de aprender costuma durar até o exato momento em que ela passa pela porta da sala de aula da primeira série da escola do passado. É nesse momento que as crianças são convencidas que aprender não é experimentar, sentir e sujar as mãos de terra ou tinta, como faziam até agora, mas sim sentar silenciosamente em cadeiras alinhadas e ser ensinado por um professor que é o dono de todo o saber e que decide sozinho a hora de começar e de parar de estudar cada assunto. O aprendizado não vem mais da interação da própria criança com o objeto que ela está conhecendo. Agora, ele é “transferido”. A criança não faz mais perguntas, ouve respostas. A busca do conhecimento não começa mais nas interrogações dos alunos, mas nas afirmações do professor; o estudo não mais se inicia na curiosidade, mas na autoridade. A criança não está mais no comando do seu aprendizado, ela não é mais um sujeito ativo no ato de aprender, é um sujeito passivo do ato de ensinar do professor. Em resumo, a criança não mais aprende, é ensinada.

Essa lógica remonta a estrutura orgânica da escola brasileira ao longo da sua existência mesmo após tantas reformulações e com alguns avanços até significativos como lei. Mais sua prática atual ainda segue o padrão e praticamente a mesma organização espacial e dinâmica das escolas régias com mudanças em algumas ferramentas mais com repetição metodológica, é lógico com destaques para a universalização da

gratuidade do ensino básico público no Brasil, avanço memorável não se pode negar, mas com lacunas que a distancia do movimento do tempo em que esta inserida.

O autor da carta chama essa escola de escola do passado e isso muito nos anima, por ser a percepção de um pai e nos chama a atenção por ser justamente a fronteira que estamos tentando romper, mas que ainda não temos encontrado elementos palpáveis que sirvam de porto seguro e permita-nos que ultrapassemos as amarras que torna a escola esse cárcere que não tem feito bem a ninguém, nem profissionais principalmente os alunos.

Acredita-se que esta dificuldade advenha da compreensão que temos tido da dinâmica do tempo que vivemos uma era de mudanças e transformações dinâmicas demais e fazendo uma alusão ao que afirma Sigmund Baummen que denomina esse movimento de sociedade líquida representada na pós-modernidade com contornos mais subjetivos e, portanto mais difíceis de serem compreendidos principalmente em virtude dos princípios que embasam a nossa formação. Talvez por isso retomando mais um trecho da carta do pai a filha no documento expresso ele diz:

A escola do passado se limita a ruminar as ideias dos outros. Diariamente, aula após aula, os alunos mastigam, engolem e digerem um enorme cardápio de informações. Não há nenhum espaço para que eles gerem conhecimento, produzam pensamentos, criem ideias, somem. Os alunos são tratados como se fossem incapazes disso e logo se convencem dessa incapacidade. O mundo do futuro é o mundo da troca. Nele, os bem sucedidos não serão os que forem capazes de acumular mais ideias, mas os que forem capazes de distribuir mais. Escreva, desenhe, cante, dance, filme, blogue, fotografe, pinte e borde. Crie, produza, pense, gere, compartilhe.

A reflexão a que o pai nos remete sugere com muita clareza o salto que a escola precisa dá e que ansiosamente os jovens esperam vivenciar como experiência que

respalde as necessidades desta geração. Não obstante o cenário posto ou ainda navegando na contramão dessas possibilidades a instituição escola assim como outras em virtudes das raízes da concepção que tem dos sujeitos habitantes destes novos tempos tem sido incapaz de empreender práticas por razões diversas que fundamentem uma formação capaz de garantir a passagem de um modelo de vida, produção, pensar entre tantos outros como ferramentas necessárias para subsistência na sociedade contemporânea.

Sabendo que este salto precisa de alguns pré-requisitos básicos entre eles destacamos o diálogo, a participação (democracia) mesmo sabendo que este instrumento nas instituições brasileiras são novos com mais de 30 anos efetivamente, avançamos muito pouco nos espaços públicos como a escola, lugar especialmente formado por pessoas as relações interpessoais e comunicação são desafios homéricos que se estendem as salas de aula locus especial onde ao invés do exercício da democracia se perceber com maior vigor exercício da ditadura com o cerceamento da fala, imperação do silêncio, do não pensar, do repetir, da cópia, do descompromisso

Este espaço distante do que projeta o pai para escola do futuro para a filha como descrito, ainda infelizmente subsiste com muito sofrimento e conflitos para manter o pouquíssimo que lhe resta com cumprimento de alguns horários na maioria das vezes e na base da ameaça e com o único atrativo para muitos alunos o certificado. A presença quando existe em muitos casos não passa de um momento burocrático para atingir o teto que lhes garantam a carga horária necessária para passar de ano. Onde fica o conhecimento nesta história? Onde ficam as características como descrita na carta pelo pai recomendando pra que a escola do futuro deverá servir?

Não deve-se em detrimento dos cenários postos generalizar que não existam experiências exitosas por ai. Mais são raras o certo e que precisamos aprofundar esse debate através dos novos instrumentos que estão postos como as iniciativas, PROEMI/JF vem tentando mobilizar as escolas para dinamizarem melhor suas práticas com metodologias, ferramentas e recursos, SISMÉDIO entre outras.

O desafio posto esta em compreendermos que novas ferramentas estão sendo criadas cotidianamente e a maioria delas estão em nós mesmos como seres humanos nas nossas características peculiares, para dar conta de um novo tempo e como superar as antigas ferramentas que insistem em ser o nosso porto seguro. É preciso avançar algo natural que acontece em todas as gerações como destacado em mais este trecho da carta quando diz::

O homem dominou o planeta porque foi capaz de fabricar ferramentas que estenderam os limites das nossas mãos e pés. Agora, fomos ainda mais além e fabricamos ferramentas que estendem os limites do nosso cérebro. Não precisamos mais desperdiçá-lo usando-o como um depósito de nomes, datas e fórmulas; hoje podemos aproveitar todo o potencial dele para analisar, criticar e refletir o mundo de informações que podemos acessar com um clique. A Internet é o teu HD, o cérebro é o teu processador.

O cenário assim posto parece tirar uma enorme carga das costas da escola, não de responsabilidade, mais de uma grade curricular com conteúdos acessados de acordo com as necessidades do professor e dos jovens sem a obrigação de uma cabeça cheia de palavras sem nexos e sentidos. Uma análise mais leve parece nos dizer que agora o professor tem mais tempo para respirar por que ele não está totalmente na condição do sabe tudo e que só ele pode ensinar, com as condições postas a tensão é dividida é compartilhada.

Compartilhar conhecimento é um exercício de democracia e as novas ferramentas tecnológicas representam fora da escola o maior meio de exercício da democracia as quais os jovens vivenciam em seu cotidiano. Mais na escola infelizmente nem a mais primitivas formas de democracia se percebe que são conversas, diálogos, ouvir e bater bato ainda não é uma cultura entre profissionais e alunos e comunidade. Só existe

fortemente entre os próprios alunos talvez com outro sentido pelos corredores e às vezes dentro da própria sala de aula como fuga das aulas enfadonhas.

Ao que se percebem na sociedade do conhecimento como todas as ferramentas favoráveis, muitas ditaduras precisam ser derrubadas, uma das principais e urgentes é a da negação do direito, garantia do acesso e permanência, do compromisso ético de governos e profissionais, da voz, participação. A ditadura da escola como patrimônio pessoal do diretor, ditadura da indicação político partidária na escola. É hora de alçar novos voos, não se esquivando que a escola vai se reinventar, não é se omitindo e pactuando a mediocridade. É compreendendo que escola é lugar de profissionais e de atuação profissional. É o governo compreendendo que ano letivo tem começar no início do ano para fazer sentido para o aluno. É o governo entendendo que lotação se faz quando inicia o ano letivo e levar isso a sério. É os alunos assumirem suas responsabilidades e aprenderem a cobrar uma escola que funcione como direito que eles têm. É os pais não se omitirem da participação e cobrança. E a escola aprender a ouvir os alunos para diminuir a sua própria carga, num trabalho de colaboração com os alunos e comunidade.

Finalizo este texto de forma casual com um trecho da música não é sério de Charlie Brawn Jr por que o grito continua, e as dores que nos consomem permanecem, e um caminho está nascendo.

Sempre quis falar Nunca tive chance; Tudo que eu queria

Estava fora do meu alcance; Sim, já ; Já faz um tempo

Mas eu gosto de lembrar; Cada um, cada um; Cada lugar, um lugar

Eu sei como é difícil ; Eu sei como é difícil acreditar

Mas essa porra um dia vai mudar; Se não mudar, pra onde vou

Não cansado de tentar de novo; Passa a bola, eu jogo o jogo